

(Transcrição)

Rocca di Papa, 8 de dezembro de 1971

Chiara às focolarinas e aos focolarinos italianos:

### **Jesus Abandonado (II Parte)**

Ele nos atraía a si. Nós o descobríamos e o víamos por todo o lado. Cada sofrimento físico, moral ou espiritual, era, para nós, uma sombra do seu grande sofrimento.

Sim, porque Jesus Abandonado é a figura do mudo: não sabe mais falar, não sabe mais o que dizer: "et nescivi" e não soube.

É a figura do cego: não vê; do surdo: não ouve.

É o cansado que se lamenta.

Chega à beira do desespero. É o faminto de união com Deus.

É a figura do iludido, do traído. Parece ter fracassado.

É medroso, tímido, desorientado.

(...)

Jesus Abandonado é a escuridão, a melancolia, o contraste, é a figura de tudo o que é estranho, indefinível, que parece monstruoso, pois é um Deus que pede ajuda! É o solitário, o desamparado. Parece um inútil, descartado, chocado...

Nós o víamos, portanto, em cada irmão que sofria. Então, aproximando-nos dos que se assemelhavam a Ele - e todos eram um reflexo da sua dor -, nós lhe falávamos de Jesus Abandonado. Para todos os que se achavam semelhantes a Ele e aceitavam dividir a sua sorte, Ele se tornava: para o mudo, a palavra; para quem não sabia, a resposta; para o cego, a luz; para o surdo, a voz; para o cansado, o descanso; para o desesperado, a esperança; para o faminto, a saciedade; para o iludido, a realidade; para o traído, a fidelidade; para o fracassado, a vitória; para o medroso, a coragem; para o triste, a alegria; para o indeciso, a certeza; para o excêntrico, a normalidade; para o solitário, o encontro; para o separado, a unidade; para o inútil, a única coisa que é útil. O marginalizado se sentia eleito. Jesus Abandonado era, para o chocado, o equilíbrio; para o inquieto, a paz; para o sem-teto, a casa; para o exilado, o reencontro. Com Ele, as pessoas se transformavam e o absurdo do sofrimento adquiria sentido.

Amamos Jesus Abandonado especialmente nos pecadores. Ele é o "plano inclinado" para todos os homens, inclusive para os mais miseráveis. Raciocinávamos assim: tendo sido abandonado por todos, cada pessoa no mundo pode dizer: é meu, é nosso! É meu porque ninguém o quer; escória do Céu e do mundo. Jesus Abandonado revelava-se realmente a pérola preciosa para todos os homens que, no fundo, são todos pecadores. Ele, tendo-se feito maldição, pecado<sup>1</sup>, sem ser pecador, representava o nosso ponto de contato com todo ser que se chamasse homem.

Também cada sofrimento nosso parecia um semblante de Jesus Abandonado que devíamos amar e desejar, para podermos estar com Ele, para sermos como Ele, e assim darmos, por meio da nossa morte, amada e desejada, a vida a nós e a muitos. Ele gritou um "porquê" ao qual ninguém havia respondido, para que tivéssemos a resposta para cada nosso "porquê". O problema da vida humana (e, portanto, da nossa) era o sofrimento. Qualquer aspecto que ele tivesse, por mais terrível que fosse, sabíamos que Jesus o tinha tomado para si. Entrando nesse caminho da unidade, escolhemos só a Ele: num ímpeto de amor decidimos sofrer com Ele, como Ele.

<sup>1</sup> "... fazendo-se maldição por nós (Gl 3, 13). Aquele que não havia conhecido pecado, Deus o fez pecado por nós, para que voltássemos a Ele, justiça de Deus" (2 Cor 5, 21).

Pois bem, a experiência que todos nós fizemos é que Deus, puro amor, não se deixa vencer em generosidade e transforma, por uma alquimia divina, a dor em amor. De fato, constatávamos que, tão logo desfrutávamos de um sofrimento qualquer, para sermos como Ele, e continuávamos a amar, fazendo a vontade de Deus, o sofrimento, quando era espiritual, desaparecia; quando era físico, tornava-se um jugo suave.

O nosso amor puro (isto é, o fato de nos alegrarmos com o sofrimento), em contato com o sofrimento, o transformava em amor; de um certo modo, o divinizava. Era quase como se a divinização do sofrimento, que Jesus operou, continuasse em nós. E depois de cada encontro com Jesus Abandonado que amávamos e aceitávamos, encontrávamos Deus de um modo novo, mais face a face, mais aberto, numa unidade mais plena. Voltavam a luz e a alegria e, com a alegria, a paz que é fruto do espírito. Aquela paz especial que Jesus prometeu e que, para alcançá-la, era necessário fazer justamente do tormento, da angústia, das agonias da alma, das perturbações, das tentações, uma ocasião para amar Deus.

Jesus Abandonado, ainda, era para nós a expressão de todos os amores.

Ele é a Mãe. "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?", não é o grito das dores do parto divino que fez de todos nós, homens, filhos de Deus? Von Balthasar afirma que é «o grito de nascimento, por meio do qual o homem novo nasceu no mundo».

Ele é também o irmão, porque - como foi dito - na sua paixão Ele fez de todos nós seus irmãos no plano sobrenatural.

Ele é o esposo da alma, porque é princípio de unidade, une, funde em um.

Ele é pai, uma vez que gera a nova criação.

Inclusive, cada evento doloroso refletia o seu semblante. Por exemplo, quando alguém que nos ajudava depois nos deixava, sentíamos-nos um pouco como Ele, sem o apoio do Pai. Ele que disse: "Não estou só, porque o Pai está comigo" (Jo 16, 32). Jesus Abandonado era, então, o nosso único apoio. Ficamos felizes em ser um pouco como Ele e Ele nos dava uma força nova.

Mas Jesus Abandonado não é somente a ausência de apoio, Ele é o imprevisto, a expectativa, o incidente, a surpresa, a dúvida, a acusação, a condenação, o processo, o exílio, a excomunhão, a orfandade, a viuvez, o divórcio, a morte, a tragédia, o drama, o raio, a catástrofe. E jamais terminaríamos de identificá-lo em tudo, neste vale de lágrimas que é a Terra.

Jesus Abandonado era também aquele que recompunha a unidade entre nós, sempre que ela se encontrava comprometida.

(...)

Jesus, no seu testamento, havia dito: «Eu neles e tu em mim, para que eles sejam perfeitos na unidade» (Jo 17, 23).

Se Jesus estava em mim, se Jesus estava no outro, se Jesus estava em todos, éramos, naquele momento perfeitos na unidade. Mas, repito: para que Jesus estivesse em nós, tínhamos que amar Jesus Abandonado em todos os sofrimentos, vazios, fracassos e tristezas da vida. Essa união nos plenificava de Deus, de modo que, quando nos encontrávamos, nos reconhecíamos um no outro, porque Deus estava em mim, Deus estava no outro e Deus estava em todos. Somente assim nos sentíamos irmãos. (...)

Jesus Abandonado é o modelo dos que amam a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças; é o modelo dos apaixonados por Deus. De fato, Jesus Abandonado ama Deus justamente quando Deus o abandona.

Jesus Abandonado é o modelo de quem deve estar em a unidade com os irmãos. Com efeito, não posso entrar num outro espírito se o meu é rico. Para amar o irmão, devo ser sempre tão pobre de espírito a ponto de não possuir nada senão amor. E o amor é o vazio de si. Jesus Abandonado é o modelo perfeito de um pobre de espírito. É tão pobre que nem sequer tem Deus, por assim dizer. Não o sente.

Jesus Abandonado é o modelo de quem se renega e se mortifica. De fato, Ele não está só mortificado por completo externamente, porque crucificado, mas também na alma. Interiormente renuncia ao que tem de mais precioso: a sua união com Deus. É a renúncia a si mesmo de um Homem-Deus.

É o modelo perfeito daquele que perde a própria alma em Deus. Modelo das pessoas que devem renunciar não só às próprias idéias, mas também às inspirações da graça, para submetê-las, por exemplo, aos próprios superiores. É o modelo, portanto, da verdadeira unidade com quem nos representa Deus. Assim como Jesus e o Pai são uma coisa só, da mesma maneira cada pessoa com o próprio superior deve ser uma coisa só.

Jesus Abandonado é aquele que ilumina o caminho de quem espera contra qualquer esperança.

Jesus Abandonado é o modelo daquele que confia: "Confiai! - disse Ele - Eu venci o mundo" (Jo 16, 33). De fato, ninguém teve confiança maior do que Ele que, tendo sido abandonado por Deus, confiou em Deus; tendo sido abandonado pelo Amor, entregou-se ao amor.

Jesus Abandonado é modelo daquele que quer dar glória a Deus. De fato, Ele, no abandono, anulando-se completamente, demonstra que Deus é tudo.

Jesus Abandonado é o modelo dos "mortos que morrem no Senhor" (Ap 14, 13). De fato, Ele morreu misticamente e, como tal, morre em Deus.

O Apocalipse diz: "As suas obras os acompanham". E a obra de Jesus foi a de ter dado ao Pai muitos filhos, gerando-os de novo com a própria vida.

Se examinássemos cada exortação de Jesus, feita no Evangelho, veríamos que Ele viveu todas naquele momento. Jesus Abandonado, naquele momento, revive em si: «Quem vem a mim e não põe pai, mãe... e até a própria vida» (Lc 14, 26). O Evangelho afirma: «Se o grão de trigo, caindo na terra, não morre, fica só; mas se morre dá muito fruto» (Jo 12, 24). Diz: morre. Jesus Abandonado é realmente a figura do grão de trigo que morre. Mas aquele grão não fica só, porque dá como fruto o Povo de Deus, a Igreja.

Jesus Abandonado pode aplicar em si mesmo todas as bem-aventuranças. Se vocês forem analisar, terão a prova de que é assim.

Em Jesus Abandonado, resplandecem de um modo único a fortaleza, a paciência, a temperança, a perseverança, a justiça, a magnanimidade...

Jesus, no abandono, parece ser somente um homem; portanto, jamais esteve tão próximo do homem como naquele momento e, por isso, jamais o amou tanto. E, ao mesmo tempo, jamais esteve tão próximo do Pai<sup>2</sup>: é por seu amor que morre daquela maneira. Portanto, se no amor a Deus e ao próximo, estão contidos "a Lei e os Profetas" (Mt 7, 12), Jesus aqui cumpriu plenamente todo desejo e mandamento de Deus.

Jesus Abandonado é, portanto, o caminho direto para a santidade, porque provoca a unidade com o Santo. Bastava, então, olhar para Ele, viver como Ele cada momento e tudo estaria feito. Assim o fizemos, e tudo se simplificou. Esforçamo-nos para colocar em prática o nada de nós para que Ele vivesse em nós e também o nada de nós para que Ele triunfasse entre nós. Sobre esse nada, durante a santa comunhão, amada e redescoberta como vínculo de unidade, pedimos a Jesus que unisse, como lhe parecesse melhor, as nossas almas. E experimentamos - por uma graça especial - o que significava ser uma célula viva do Corpo místico de Cristo: era ser Jesus e como tal estar no seio do Pai. E "Abba, Pai" (Rm 8, 15) brotou dos nossos lábios. Naquele momento a religião pareceu-nos nova. Consistia em estar ao lado de Jesus, nosso irmão, para amar ao Pai.

Assim começou um período luminoso, especial, em que, entre outras coisas, nos pareceu que Deus quisesse nos fazer intuir quais eram os seus desígnios sobre o nosso Movimento. Entendemos melhor muitas verdades da fé e, em particular, quem era para os homens e para a criação Jesus Abandonado, que sintetizou tudo em si. Essa

<sup>2</sup> Santa Catarina de Sena, depois de ter vencido com supremo esforço de vontade uma tentação muito grave, viu aparecer Jesus crucificado: "Minha filha Catarina - disse Ele - vê quanto sofri por tí? Não te custe, portanto, sofrer por mim...". Mas ela replicou: "Meu Senhor, onde estavas quando o meu coração era atormentado por tantas tentações?" e o Senhor disse: "Estava no teu coração".

experiência foi tão forte que nos fez pensar que a vida seria sempre assim. Ao invés, a realidade que se apresentou depois foi a da vida cotidiana. No brusco despertar de nos encontrarmos ainda na Terra, e, somente Jesus Abandonado nos deu a força para continuar a viver. Jesus Abandonado estava presente no mundo que devíamos amar. Aquele mundo que é assim precisamente porque não é Céu.

Numa segunda escolha mais consciente, mais lúcida em relação àquele que nos chamou a segui-lo, brotou da nossa alma a conhecida decisão:

«Tenho um só esposo na Terra: Jesus Abandonado.

Não tenho outro Deus além dele.

Nele está todo o paraíso com a Trindade e toda a Terra com a Humanidade.

Por isso, o que é seu é meu e nada mais.

E sua é a Dor universal e, portanto, minha.

Irei pelo mundo à sua procura em cada instante da minha vida.

O que me faz sofrer é meu.

Minha é a dor que me perpassa no presente.

Minha a dor das almas ao meu lado.

É meu tudo aquilo que não é paz, gáudio, belo, amável, sereno... Numa palavra: o que não é Paraíso. Pois eu também tenho o meu Paraíso, mas é no coração do meu Esposo. Outros paraísos eu não conheço.

Assim será pelos anos que me restam: sedenta de dores, de angústias, de desesperos, de melancolias, de separações, de exílios, de abandonos, de dilacerações... de tudo aquilo que é Ele.

Assim enxugarei as lágrimas da tribulação em muitos corações próximos e, pela comunhão com o meu Esposo onipotente, nos corações distantes.

Passarei como fogo, que devora tudo o que deve ruir e deixa em pé só a verdade.

Mas é preciso ser como Ele, ser Ele no momento presente da nossa vida» (aplausos).